



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS DO QUINTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM CAETITÉ: UMA PERSPECTIVA VOLTADA PARA O LIVRO DIDÁTICO**

Laís dos Santos Sampaio<sup>147</sup>  
(UESB)

Antonieta Miguel\*\*  
(UESB)

### **RESUMO**

Este artigo, fruto de uma monografia em construção, visa analisar como os índios estão sendo representados no ensino de História, com o enfoque voltado para o livro didático. Instrumento este por sua vez múltiplo, tido como o mais utilizado em sala de aula, polissêmico, portador de pontos de vista e ideologias, carregado de valores e identidades, trazendo consigo uma gama de representações sobre diversos sujeitos sociais, como neste caso, os indígenas. No entanto, algumas destas representações são estigmatizadas, deturpadas, produzidas sob uma perspectiva etnocêntrica, demonstrando que necessitam ser analisadas e reavaliadas contribuindo deste modo para a formação de um novo olhar perante estes sujeitos sociais.

**PALAVRAS – CHAVE:** Representação. Índio. Livro didático.

### **INTRODUÇÃO**

O estudo das representações tem propiciado a muitos pesquisadores penetrar no universo das imagens, das leituras de mundo que distintas pessoas, diversos grupos sociais têm sobre diferentes assuntos. As crianças, fazendo parte deste contexto, “recebem” as representações sociais que a sua realidade as “dá”,

---

<sup>147</sup> Graduanda do IX semestre do curso de licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, Caetité. E-mail: lais.ssampaio@gmail.com.

\*\* Orientadora. Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1991), especialização em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia (2000). Atualmente é professor auxiliar da Universidade do Estado da Bahia - Campus VI, Caetité.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

porém, também as recriam, internalizam e as devolvem ao mundo exterior; dão uma nova forma as coisas, propagando estas representações. Vendo a escola como um importantíssimo meio de construção/propagação de representações, é necessário compreender como estas são repassadas e apropriadas pelas crianças.

Entre os muitos conteúdos discutidos pelo componente curricular História, a questão indígena se apresenta como uma das temáticas com maiores problemas em sua forma de abordagem, principalmente ao ser tratada de maneira superficial e contribuir para a construção de imagens distorcidas e estereotipadas. A proposta deste estudo, nesse sentido, objetiva entender como as crianças constroem as suas imagens sobre o índio, quais representações e de que forma a escola/professor/livro didático contribuem para isto.

Cabe-nos então, como historiadores/professores de História, levantar diversas indagações e reflexões sobre informações de teor preconceituoso e estereotipado que contribuem para uma elaboração errônea perante a construção de identidades de diversos sujeitos sociais: como diferentes sujeitos estão sendo trabalhados, mostrados, representados nos livros didáticos de História? E as ditas minorias como negros, mulheres, indígenas? Essas informações (ou a falta delas) contribuem para uma visão preconceituosa, incongruente perante estes grupos? Como reverter este quadro?

São muitas questões de extrema relevância que merecem um estudo elaborado. Entretanto, este artigo, sendo parte de uma pesquisa em construção, neste momento vai se limitar a reflexão sobre algumas destas questões postas acima, salientando o papel do livro didático no ensino de História, a análise deste e como as visões acumuladas ao longo do tempo sobre os índios no Brasil podem compor o manual didático utilizados em sala de aula.

O livro didático e suas múltiplas abordagens, seus variados temas, ainda hoje é uma das ferramentas mais utilizadas nas aulas de História e um importante objeto de pesquisa, pois é um meio de estudar instituições, disciplinas escolares,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

metodologias e conteúdos. Por isso, muitos pesquisadores investigam variadas dimensões do livro didático, procurando compreendê-las, analisá-las para melhor produção e uso deste recurso, consideradom produto cultural cheio de faces, utilidades, requisitado não somente por alunos, como também por muitos professores.

Sendo tão rico em características, não seria difícil imaginar que estas múltiplas faces fossem se transformar em amplas possibilidades de estudos, pesquisas, análise. A priori, os estudos, principalmente entre as décadas de 70 e 80do século passado, sobre o livro didático se voltavam para seu caráter ideológico. Há de se ressaltar, que uma característica influenciou bastante essaabordagem ideológica nos livros didáticos brasileiros: o processo de redemocratização no Brasil. Já a partir dos anos 80, como ressalta PINA(2009) com a Nova história as pesquisas procuravam analisar sua produção, apropriação, as imagens presentes neste. Vejamos como se configuram estas perspectivas.

Pina (2009) enfatiza que há duas perspectivas teórico-metodológicas que se destacam, a cultural e a materialista histórica:

Para além das diferenças de enfoques e abordagens, o livro didático tem sido analisado por mais de uma perspectiva teórico-metodológica. Uma ótica que se destaca é a da história cultural, que o trata como um artefato cultural, que é produto simbólico, mas também produz subjetividades. Outra é a visão materialista que entende o livro como veículo de ideologia, produto de uma sociedade de classes que institui determinada visão de mundo, logo, configura-se como instrumento de poder. (PINA, 2009, p.2).

Percebemos, deste modo, que a perspectiva marxistaconcebe o livro didático como um instrumento ideológico, a serviço das classes dominantes, utilizado como forma de propiciar a manutenção de seus poderes.

Quanto à segunda,volta-se para os conteúdos, a metodologia, enfim para as práticas educacionais, ecomo enfatiza Fonseca (2004) “surgiu” a partir dos anos 70, quando vários estudiosos focalizaram suas pesquisas em como o conhecimento



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

se escolariza, além das análises sobre a transposição didática, ou seja, como um conhecimento acadêmico é adaptado para ser assimilado pelos alunos.

Percebe-se, deste modo, que a concepção estruturalista, do Estado como poder central e determinante na construção das disciplinas escolares não limitou as investigações dos pesquisadores que queriam entender as formas de apropriação, as metodologias, os conteúdos, enfim o que havia no espaço escolar, pois estudos até então não estavam “dando conta”, não respondiam tais questões.

O importante é destacar que estas abordagens são significativas para se compreender o livro didático como difusor de ideologias, propagador de visões de um determinado grupo responsável por sua elaboração (Estado, autor, editora), além de relevante para estudar as formas de apropriação das informações contidas no livro didático, as metodologias utilizadas, pois este é composto de diversos “espaços”, que não devem ser ignorados; suas diversas faces devem ser analisadas contribuindo para melhor aperfeiçoamento deste instrumento que não deve ser encarado como vilão. Nesta pesquisa, vemos o livro didático como portador de uma memória nacional, com forte poder formador de ideias, porém lembremos que a apropriação dessas ocorre de diferentes maneiras, sendo também uma fonte de pesquisas não só de cunho ideológico, mas também metodológico, disciplinar, etc.

A imagem dos indígenas brasileiros por algum tempo foi transmitida e interpretada através do ponto de vista de viajantes, pintores, religiosos e também através dos escritos indianistas ou de intelectuais baseados em teorias raciais do século XIX. Segundo estas perspectivas, ao indígena foram relegadas representações de belo, edênico, ora no papel de selvagem que não se adaptaria à civilização e, mais ainda, sua referência muitas vezes estava ligada ao ingênuo e vitimado, dependente dos cuidados do Estado. O consenso é que dentre todas essas formas, ao indígena sempre foi negada a condição de ser histórico, atuante, sendo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

apenas um mero “coadjuvante” na história, a cena principal caberia ao português, branco, colonizador.

Diogo Monteiro (2012) observa que as primeiras visões retratando os indígenas brasileiros foram elaboradas por viajantes, cronistas no século XVI que relatavam sobre a fauna, a flora e os habitantes da nova terra e seus costumes:

Os índios do continente americano e seus costumes eram alvos das reflexões que constituíram o imaginário dos europeus do século XVI. Neste sentido alguns artistas, principalmente pintores, no intuito de enquadrar os ameríndios nas visões de mundo comuns ao pensamento ocidental do período, buscaram elaborar alegorias sobre a América. Nelas os indígenas eram assemelhados aos europeus, porém enfatizando-se os seus traços depreciativos. (MONTEIRO, 2012, p. 33)

Já no século XIX, Coelho (2007) enfatiza que com a criação do IHGB, instituição esta que teve um papel fundamental na “formação nacional do Brasil”, pois elaborou, à sombra do nacionalismo, heróis brasileiros, os índios foram colocados como bravos, virtuosos, símbolo do Brasil. Enquanto na Europa se consagravam os grandes heróis medievais, aqui o destaque foi direcionado aos “bravos índios”, claro que com “qualidades e virtudes” de um verdadeiro cavaleiro europeu, (gentil. honrado...) sujeitos a dar sua vida, sua contribuição para a melhoria do país. Ao índio coube ser o “natural”, a “origem” da nação brasileira que evoluiria com o auxílio dos “iluminados” europeus, pois os indígenas seriam a “base”, o “ponto de partida” para a evolução rumo à civilização.

As obras historiográficas quase não abordavam o índio, a não ser para citar que foram os primeiros habitantes, catequizados e soterrados pelo passado. (BERGAMASCHI, ZAMBONI, 2009). Por outro lado, já no final do século XIX, início do século XX, sob o positivismo e o evolucionismo, os indígenas seriam aqueles que, somado ao negro e ao branco formavam o Brasil e, mesmo que estivessem na primeira etapa da escala evolucionista, poderiam evoluir. No entanto, para isso,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

precisariam da ajuda do Estado, ou seja, passavam de grande herói para dependentes e incapazes. Esta foi uma das características marcantes na atuação dos órgãos públicos<sup>148</sup> que serviam de proteção ao indígena: tutelá-lo como “crianças”, desenvolvendo um trabalho “paternalista” (COELHO, 2007).

Esta perspectiva começa a ser alterada com a luta do movimento indígena em busca de seus direitos e diante da consolidação da história problema dos Annales que, com seus múltiplos objetos e abordagens, elege sujeitos antes ignorados (mulheres, negros, indígenas) pela História. Além disso, a parceria da História com outros campos do saber como a antropologia, a arqueologia, a etnologia vem propiciando o alargamento dos estudos sobre estes povos, mostrando suas origens e cultura. Como enfatiza Mariano:

A temática indígena vem sendo pesquisada por antropólogos, historiadores, educadores e estudiosos em geral. Novos autores têm contribuído com uma visão mais ampla e crítica, como: John Manuel Monteiro, Ronaldo Vainfas, Aracy Lopes da Silva, Luís Donisete Benzi Grupioni, Manuela Carneiro da Cunha, entre outros. (2006, p.64)

Monteiro (1994), em seu livro *Negros da terra*, apresentou os indígenas em posição central, como grande contribuinte para a formação social e econômica do atual Estado de São Paulo, nos séculos XVI e XVIII e mostrando o grande massacre que as missões bandeirantes fizeram.

Em *Índios do Brasil* (GRUPIONI, 1994), há relevantes estudos de variados pesquisadores sobre diversos pontos da temática indígena, desde as representações da época que os portugueses vieram para o que hoje é Brasil até seus costumes, religiosidade, movimentos. *Temática indígena na escola* (1995) do mesmo organizador, traz uma série de pesquisas em que vários estudiosos como John Monteiro, Eduardo Neves, Aracy Silva, entre outros, apresentam riquíssimos conhecimentos sobre linguagem, lutas jurídicas, estudos arqueológicos que

---

<sup>148</sup> Serviço de proteção ao indígena (SPI) criado em 1910.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

permitem ao leitor acessar aspectos da cultura autóctone em diferentes períodos históricos, suas resistências, além de abordar o uso destes saberes na sala de aula.

Manuela Carneiro da Cunha em *História dos índios do Brasil*(1992) aborda como o próprio nome anuncia a história dos indígenas, os estereótipos construídos, a falta de conhecimento para com suas sociedades, a vitimação e heroicização. Além de trazer pesquisas de vários autores sobre as línguas, costumes, enfim a cultura de vários povos, contribuindo para o alargamento dos conhecimentos sobre os índios brasileiros.

Apesar dessas novas investidas da pesquisa, o conhecimento acadêmico ainda se encontra muito distante do universo escolar, contribuindo para a perpetuação de ideias errôneas. O livro didático, enquanto instrumento significativo no processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes, corrobora para a construção de imagens de indígenas como seres do passado. Nas palavras de Grupioni (1994, p.487) “(...) índios e negros são quase sempre enfocados no passado. Falar em índios é falar do passado, e fazê-lo de uma forma secundária: o índio aparece em função do colonizador”, além de não informarem sobre as sociedades indígenas antes do contato com os europeus.

Mas porque muitos conteúdos destes livros não acompanham as discussões historiográficas? Nesta perspectiva Nayana Mariano aborda:

O que é preocupante, por exemplo, é que muitos livros didáticos não acompanham as discussões historiográficas mais recentes, o que ocasiona uma visão genérica, omissa ou preconcebida de determinados assuntos. Atualmente, muitas obras sofreram mudanças estéticas, mas perpetuando, posicionamentos tradicionais. (MARIANO, 2006, p. 40)

Ou seja, além dos livros didáticos não acompanharem o atual estado da arte, Mariano, ainda destaca que devido aos interesses do mercado muitos conteúdos estão “solidificados” e, mesmo com mudanças nas abordagens e nos objetos históricos, estas discussões não figuram no livro didático, desconsiderando



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

significativos trabalhos sobre os povos indígenas, seus modos de vida, sua participação, luta e resistência na formação do Brasil.

Podemos enfatizar que o livro didático, mesmo atendendo ao interesse mercadológico e seus conteúdos sendo correspondentes a uma seleção cultural, marcados pelos valores sociais vigentes, ainda assim, o professor não o utiliza de maneira mecânica, pois o que ocorre na sala de aula não é uma simples “transposição didática”, mas a apropriação de diferentes formas dos conteúdos presentes no livro didático. Pensar assim é também refletir de que maneira o professor, o aluno, enfim a escola vai se apropriar, lidar com estes conhecimentos.

Com isso percebemos a necessidade latente de analisar, questionar o livro didático e seus conteúdos para que idéias ultrapassadas, errôneas (ou simplesmente a falta de informações) não sejam apropriadas e reproduzidas pelos estudantes, pois como enfatiza Mariano (2006) “O livro didático é um objeto de pesquisa importante na História da Educação, pois ele acompanha os alunos em todas as fases da aprendizagem, é portador de uma memória nacional, possui um valor cultural...” (p.21).

## CONCLUSÕES

Perante um sucinto esboço de reflexões sobre o tema proposto, vemos que ainda hoje, em pleno século XXI, o estudo da História indígena ainda é parco, mesmo considerando as relevantes pesquisas e avanços sobre a temática, ainda há muito que se fazer, principalmente em relação à sala de aula, lugar onde há mais que a construção de saberes, há construções de identidades, de valores e pontos de vista, há formação Humana, que guia práticas, ações e que refletem a nossa relação com o outro, compondo nossa sociedade.





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## REFERÊNCIAS

- COELHO, Mauro Cezar. *As populações indígenas no livro didático, ou a construção de um agente histórico ausente*. Anais... Reunião da ANPED, 30. Caxambu, ANPED, 2007.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FREITAS, Itamar (org.). *História regional para a escolarização básica no Brasil: o livro didático em questão (2006/2009)* - São Cristóvão: Editora UFS, 2009.
- FONSECA, Thaís N. de Lima. *História & Ensino de História*. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GRUPIONE, Luís Donizete Benzi (org.). *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do desporto, 1994.
- GRUPIONI, Luís Donizete (org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º grau*. Brasília: MEC/MA-RJ/UNESCO, 1995.
- MARIANO, Nayana R. C. *A representação sobre os índios nos livros didáticos de História*. Dissertação (Mestre em educação popular, comunicação e leitura) Universidade federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa, 2006.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- MONTEIRO, Diogo Francisco Cruz. *Indígenas e iconografia didática: A imagem dos índios nos manuais de História do programa nacional do livro didático (2011)*, p.33 Dissertação (mestrado em antropologia Social) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2012.
- PINA, M. C. D. *Escravidão no livro didático de historia do Brasil:três autores exemplares(1890-1930)*. 2009. 240f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. São Paulo, 2009.
- ZAMBONI, Ernesta; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Povos Indígenas e Ensino de História: memória, movimento e educação*. In: CONGRESSO DE LEITURA DOBRASIL,17.,2009, Campinas. Anais do 17º COLE, Campinas, SP.: ALB, 2009. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal.html>>. Acesso em: 10 de Jan. 2010. ISSN: 2175-0939.